PLANEJAMENTO, ELABORAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS DISPONIBILIZADOS EM AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM

SÃO BERNARDO DO CAMPO/SP JUNHO/2018

Regiane Maria Tomé Faim - UESP - regiane.faim@gmail.com
Adriana Barroso de Azevedo - UESP - adriana.azevedo@metodista.br

Tipo: Investigação Científica (IC)

Natureza: Relatório Final de Pesquisa

Categoria: Métodos e Tecnologias

Setor Educacional: EDUCAÇÃO SUPERIOR

RESUMO

A organização de um curso na modalidade a distância exige conhecimentos e comprometimento no exercício da profissão docente, como a construção de saberes específicos para a elaboração de aulas e o gerenciamento do ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Neste sentido, ao darmos voz aos alunos de um curso de educação a distância (EaD), por meio de suas experiências e percepções descritas em suas vivências com o ambiente virtual de aprendizagem (AVA), presumimos que isto poderá contribuir para aprimorar a prática docente na modalidade a distância, estimulando a busca de novas metodologias para a melhoria no processo de ensino-aprendizagem. Portanto, neste artigo, refletimos sobre as experiências dos alunos na utilização do AVA, por meio de suas narrativas, considerando os recursos e atividades nele disponíveis e as contribuições do AVA para o ensino-aprendizagem e para a formação docente. Abordamos primeiramente aspectos da educação a distância, da docência no século XXI e da autoria docente. Em seguida, analisamos as teorias e concepções do ambiente virtual de aprendizagem, do planejamento pedagógico para a educação a distância e da produção do material didático. Ao fim, partimos da análise hermenêutico-fenomenológica (AHF) com a interpretação dos registros textuais das experiências vivenciadas pelos participantes no AVA, e chegamos à essência do fenômeno por meio dos processos de textualização e tematização (operacionalizada pelas rotinas de organização e interpretação). Do ciclo de validação emergiram quatro grandes temas: busca, fluência, vias e mediação, cujos desdobramentos viabilizaram reflexões sobre a formação na modalidade a distância, o planejamento do conteúdo, o uso dos recursos e atividades no AVA e a interação entre professores e alunos, que, que podem e devem continuar a ser o objetivo maior dos profissionais que atuam ou venham a atuar na modalidade a distância.

Palavras-chave: Formação de Professores. Educação a Distância. Planejamento. Material Didático.

Educação a distância e a docência no século XXI: desafios contemporâneos

Dentre os diversos desafios presentes na Educação a Distância está a formação dos profissionais que atuam nesta área, desde professores/autores/tutores até equipes responsáveis pelas diferentes fases de produção. Esses profissionais, além de trabalharem em sintonia para o planejamento e a elaboração dos materiais didáticos, precisam ter o conhecimento e a sensibilidade no momento da escolha dos recursos e das atividades que serão disponibilizados no ambiente virtual de aprendizagem. Portanto, quando se concebe a prática docente não se pode deixar de considerar a autoria e os caminhos reflexivos percorridos para produção dos materiais didáticos. Ricardo (2013) pontua a dificuldade na capacitação de professores autores para a EaD, pois esta não ocorre na formação inicial nem continuada nas universidades; o que se verifica é uma formação aligeirada, focada nas necessidades específicas de cada instituição.

Ambiente virtual de aprendizagem: algumas considerações

O conceito de ambiente virtual de aprendizagem (AVA), também denominado *Learning Management Systems (LMS)* ou sistemas de gerenciamento do aprendizado, compreende *softwares*, disponibilizados na internet, que reúnem ferramentas para a criação, a tutoria e a gestão de atividades, que geralmente se apresentam na forma de cursos. Convém esclarecermos que “[...] quanto mais bem organizado o site do curso, mais fácil será a utilização da tecnologia por parte dos alunos. Se não encontrarem dificuldades com o uso da tecnologia, os alunos terão uma participação mais ativa no curso” (PALLOFF; PRATT, 2002, p. 133), mas, para que isso ocorra efetivamente durante o período do curso, as instituições de ensino precisam garantir o funcionamento das tecnologias e fornecer suportes midiáticos para solução de problemas que poderão ocorrer. Partindo daí, podemos perceber que o maior desafio dos professores está em apresentar ou propor atividades autorais e compartilhadas que promovam a interação com os alunos. “Por mais experiente que seja o especialista em conteúdo, criar um recurso didático, seja ele um livro impresso ou um objeto de aprendizagem, não é a mesma coisa que dar uma aula, proferir uma palestra ou ministrar um curso” (FILATRO; CAIRO, 2015, p. 280).

Metodologia e procedimentos de interpretação

Pautamos, metodologicamente, na pesquisa narrativa, à luz de Clandinin e Connelly (2015, p. 51), que a conceituam como “[...] uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo do mesmo tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com *milieus*”. Nessa lógica, ao contar sua própria história por meio de sua narrativa, “[...] a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se”

(PASSEGGI, 2011, p. 147), oportunizando, assim, que esses futuros professores narrem suas experiências e reflitam suas práticas. As narrativas reveladas no ambiente virtual de aprendizagem foram interpretadas pela abordagem hermenêutico-fenomenológica (AHF), na forma como inspirou-se Maximina Freire (2012, 2015) ao ser “[...] atraída pela proposta metodológica de van Manen (1990), ao sugerir a união de fenomenologia e hermenêutica” (FREIRE M., 2015, p. 173). A autora considera que “[...] a interpretação apresentada foi aquela que lhe foi possível, naquele momento sócio-histórico-pessoal, considerando o seu referencial teórico e experiencial” (FREIRE M., 2012, p. 196).

A pesquisa foi realizada em um curso de Pedagogia, na modalidade a distância, de uma universidade da cidade de São Bernardo do Campo, mais especificamente com os alunos do 4º período. Semanalmente, o aluno assiste a uma *teleaula* ministrada por um professor temático, com a duração de 1 hora e 40 minutos, transmitida via satélite (ao vivo) para os polos de apoio presencial distribuídos em todo o território nacional. Durante a transmissão, o aluno pode sanar suas dúvidas e enviar comentários sobre a *teleaula* via *chat*, sincronicamente, por intermédio de um monitor que o acompanha no polo. Há um professor auxiliar no estúdio que recebe os questionamentos e/ou comentários no *chat* e envia ao professor temático, por meio do *teleprompter*, que irá responder, sempre se reportando ao aluno que fez a questão e também seu polo. Para complementar a semana de estudos, o aluno tem um conjunto de atividades teórico-práticas, disponibilizadas no *Moodle*, com uma carga horária de 16 horas e 40 minutos, planejadas pelo professor temático sobre os conteúdos do tema estudado, e inclui, por exemplo, leituras, vídeos, fórum, atividades, etc. Primeiramente, os discentes - duzentos e oitenta e dois matriculados - participaram do momento da *aula-atividade*, da temática *A influência das pesquisas na formação do professor*, respondendo ao *piloto de apoio*, com questões abertas e fechadas. Em seguida, selecionamos seis participantes para continuarem na pesquisa, que participaram de dois *Fóruns: apresentação e relato introdutório e experiência no uso do AVA*. Os 06 participantes são oriundos da escola pública, idade entre 25-48 anos, todos cursando a primeira graduação.

Para descrever e interpretar o fenômeno – as percepções que emergem dos alunos do curso de Pedagogia EaD sobre o planejamento, elaboração e utilização de materiais didáticos disponibilizados em ambiente virtual de aprendizagem – seguimos as *rotinas de organização e interpretação* propostas por Maximina Freire (2012). Iniciamos partindo da materialização textual das experiências vividas e contadas pelos alunos por meio das narrativas, tanto das questões dissertativas do piloto como dos fóruns de discussões, que os interpretamos, conjuntamente, na etapa chamada de *textualização*. Posteriormente, essas narrativas passaram pela etapa de *tematização*, caracterizada pelo “[...] momento de *mergulho interpretativo* que permite: identificar unidades de

significado, refinar e ressignificar tais unidades [...], até que seja possível revelar os *temas hermenêuticos-fenomenológicos* e suas *famílias*" (FREIRE M., 2012, p. 195, grifo da autora). Foram inúmeras idas e vindas para emergirem os temas e seus desdobramentos, representados por "substantivos que capturam e explicitam os significados implícitos nos textos originais e, por seu sentido intransitivo, evidenciam o percurso entre a *aparência* e a *essência*, indicando os construtos que constituem o fenômeno – os temas *hermenêutico-fenomenológicos* –, revelando sua natureza e identidade" (FREIRE M., 2012, p. 192-193), correspondendo, assim, à reprodução do *ciclo de validação*. A título de esclarecimento, os TEMAS serão grafados em letra maiúscula, os **subtemas** em negrito e os **subsubtemas** em negrito/italico.

BUSCA

O tema BUSCA configura-se como um ponto de partida, que impulsiona os participantes na realização de um curso de Pedagogia na modalidade a distância. Nessa perspectiva, constatamos que os participante optam pela **escolha** de um curso de Pedagogia EaD por razões diversas: a **oportunidade**, o **tempo** e o **custo** que terão disponíveis, como ilustra o excerto a seguir: "[...] considero a EAD uma excelente opção para casos assim como o meu... que já tenho meus 35 anos, compromissos com trabalho e casa, menos tempo" (Participante 2 – Fórum apresentação) e, também, o relato da Participante 4 – Fórum apresentação: "essa é minha primeira faculdade, e decidi fazer a distância, pois tenho um filho e não queria me ausentar todos os dias à noite".

Interpretamos que a EaD continua sendo uma possibilidade de democratização do ensino superior com qualidade no Brasil, superando as barreiras geográficas e favorecendo o gerenciamento do **tempo** dos alunos. Compreendemos também que "[...] tal formação só será possível se a aprendizagem estiver fundamentada na experiência do contato direto com a vida cotidiana desse educando e em sintonia com sua futura carreira profissional" (AZEVEDO, 2007, p. 13). Evidenciamos nos relatos, também, os **desafios** quanto à **tecnologia**, conforme segue a narrativa: "[...] para que eu conseguisse entrar no ambiente virtual foi muito desgastante, [...] chegou um dia que me vi obrigada a fazer um curso básico de informática e aí foi melhorando" (Participante 3 – Fórum apresentação). Entendemos que a instituição de ensino, ao definir os seus aspectos organizacionais do modelo pedagógico para EaD, deva considerar "[...] o universo sociocultural dos possíveis alunos, possibilitando a caracterização dos interesses e das necessidades deles" (CLEMENTINO, 2015, p. 155), lembrando que a **tecnologia** deve ser definida, assim como suas funcionalidades, para propiciar aos alunos o suporte necessário para sua utilização.

FLUÊNCIA

A interpretação do tema FLUÊNCIA mostrou-se pertinente para a nossa compreensão do fenômeno pesquisado, pois os participante apresentam suas vivências, evidenciando a necessidade de conhecer e utilizar de maneira correta o AVA, aspirando assim a construção do conhecimento. O que pode ser considerado na narrativa: “[...] sempre utilizei muito os recursos do *Moodle* para ter certeza do entendimento do material disponibilizado. [...] me sinto realizada fazendo a faculdade mesmo a distância, não me sinto menos dentro do assunto [...]” (Participante 4 – Fórum apresentação). Cabe observar, também, a importância de entender o **uso** dos **recursos** e **atividades** do ambiente virtual de aprendizagem, pois “[...] certamente, o aluno precisa ter equipamento e *software* necessários para acompanhar o curso EAD, usando de forma adequada a tecnologia” (BEHAR, 2009, p. 26). Por esse ângulo, compartilhamos o relato da Participante 3: “[...] chegou um dia que me vi obrigada a fazer um curso básico de informática e aí foi melhorando, o ambiente foi ficando mais acessível e hoje ainda tenho algumas dificuldades, mas tiro de letra; quando algo não dá certo, peço ajuda às colegas”. Esta experiência nos desvela que, para os alunos se apropriarem dos **recursos** e **atividades** do AVA, eles procuram estratégias para sanar as **dificuldades**, realizando cursos ou mesmo esclarecendo dúvidas com os colegas de curso.

Constatamos a importância do tutorial disponibilizado pela instituição pesquisada, que auxilia na aprendizagem, orientando o aluno na utilização do AVA, o que se destaca no relato de um participante respondente do *piloto de apoio*, afirmando que o *Moodle* “[...] é direto e bem explicado, além de oferecer vídeos sobre toda a utilização”. Ainda nesta perspectiva, dentre as **facilidades** vivenciadas e relatadas pelos participantes, “você pode acessar as atividades e planos de ensino de qualquer lugar que tenha internet” (piloto de apoio). Percebemos que se evidencia “[...] a flexibilidade de tempo e espaço na EAD, os alunos precisam se empenhar em definir horários fixos de estudo em casa e/ou no trabalho para se dedicar ao curso e ter disciplina para tal” (BEHAR, 2009, p. 26). Para interpretar os desafios que envolvem a FLUÊNCIA, partimos do subsubtema **dificuldades**, que emergiu nas narrativas e aqui está materializado no excerto: “foram aulas fora do ar, impossibilidade de entrar no AVA, na sala de estágio etc. São problemas que na modalidade a distância ocorrem e que são muito ruins!” (Participante 2 - Fórum apresentação). Relacionamos, assim, as **dificuldades** de acesso às bandas de maior velocidade, que estão diretamente ligadas ao custo elevado ou à falta de disponibilidade do serviço na área em que moram. Entendemos que o **acesso** à internet de baixa velocidade traz dificuldades ao aluno, pois este não conseguirá utilizar todos os **recursos** e **atividades** disponíveis para realização do curso, como, por exemplo, assistir ou baixar uma teleaula, realizar uma atividade, fazer *download* de arquivos, etc. Esse é o caso da Participante 3 - Fórum apresentação ao narrar, sua experiência, que “[...] em algumas vezes as teleaulas não baixam e fica muito complicado para rever as teleaulas”

– provavelmente sua internet é limitada.

VIAS

O tema VIAS permeia a vivência dos alunos e podemos refletir sobre a organização curricular da universidade investigada que é percebida pela Participante 2 (Fórum apresentação): “[...] gosto ainda da forma como são dados os Módulos, por temas e áreas integradas, dando uma noção do todo, não como era antigamente, pelas disciplinas fragmentadas”. Salientamos, ainda, que a **abordagem** do currículo por eixos temáticos, integrando seus conteúdos, reduz a fragmentação dos saberes e das formas de ensinar e aprender. Nesse momento, exploramos a interpretação da **abordagem** do conteúdo, partindo das experiências relatadas pelos participantes, conforme relato no piloto de apoio: “os professores buscam aplicar atividades do cotidiano e atuais, assim se torna fácil de compreender e refletir sobre o tema”. Percebemos que, para os alunos, os conteúdos abordados nos módulos são **atualizados**, fazem parte do seu **cotidiano** e são de **qualidade**. Nesse momento, retomamos Clementino (2015, p. 153), para nos esclarecer que “[...] os conteúdos necessitam de organização e integração de conceitos, conhecimentos e experiências em relação aos objetivos e interesses dos alunos. O que foi planejado só será válido se for algo útil para o aluno”.

A diversidade de mídias para **abordagem** dos conteúdos emergiu positivamente nas narrativas, como, podemos constatar o trecho “gosto muito de como as aulas são planejadas, além das matérias do Guia de Estudo, temos a Leitura Ativa que é minha parte favorita, pois sempre colocam textos, vídeos, entrevistas que me auxiliam muito nas aulas” (Participante 1 - Fórum apresentação). Por esse ângulo, percebemos que, na instituição pesquisada, os alunos têm acesso ao conteúdo por diferentes mídias, o que fomenta o envolvimento do aluno com esses conteúdos. Outro ponto levantado pelos participantes foi o tempo destinado para a realização das leituras ou para assistir aos vídeos e usar outras mídias. Segundo a Participante 1 (Fórum experiência), o “[...] tempo estimado para o estudo, que vem denominado para cada atividade, nos facilita muito”. Neste caso, entendemos que a **abordagem** do tempo precisa ser determinada no planejamento, prevendo assim a duração de cada apresentação de conteúdo, como também a proposição de atividade (FILATRO; CAIRO, 2015). Mas, em contrapartida, um relato exhibe um aspecto negativo no que tange à **abordagem** de carga horária das atividades, conforme relato da Participante 4 – Fórum experiência, “[...] a grande realidade é que alguns professores dão tantas coisas pra fazermos que eu, pelo menos, não dou conta de fazer tudo naquela semana, mas em outros casos dá pra ir mais a fundo, acho que isso vai também do interesse do aluno pela matéria”.

Há de se considerar, nesse momento, a “[...] duração de uma unidade de estudo – o

tempo estimado para que as atividades sejam realizadas e concluídas. Esse é um exercício fantástico, que possibilita ao educador colocar-se no lugar do aluno e apurar sua proposta de interação” (FILATRO; CAIRO, 2015, p. 233). Não se tem um manual detalhado com o tempo de realização de cada atividade, contudo precisa-se levar em conta no planejamento e se concentrar em aumentar o tempo do que é considerado relevante e eliminar a sobrecarga. Nessa lógica, Filatro e Cairo (2015, p. 233) apontam alguns caminhos: simular a realização de parte de uma atividade proposta aos alunos – ler algumas páginas de um livro, resolver um exercício, publicar uma mensagem no fórum – pode dar indicações preciosas sobre quanto tempo será consumido”. Assim, compreendemos que a produção didática dirigida à EaD se torna desafiante para o docente ser autor do seu próprio discurso, ouvir outras vozes teóricas e ao mesmo tempo escolher com que voz quer dialogar com seus alunos. É imperativo lembrarmos que a “[...] autoria do professor não está restrita ao aspecto da técnica, ela precisa ser original na sua prática pedagógica, singular na forma que estabelece o seu diálogo pedagógico, deixando as marcas do seu processo de criação e de construção do conhecimento” (RICARDO, 2013, p. 73).

Os alunos declaram que são despertados ao **aprofundamento** dos temas pela necessidade de pesquisa, como, por exemplo, “[...] me direciona nos estudos e me desperta para novas possibilidades de aprendizagem (piloto de apoio)”. Logo, compreendemos que a “[...] pesquisa é vista como fundamento docente e discente, não só para construir conhecimento, mas igualmente para pleitear formação melhor” (DEMO, 2009, p. 3). Esse subtema se desdobra na relação **teoria e prática**. Nessa interpretação, um trecho que nos chamou a atenção foi no piloto de apoio: “[...] normalmente aparecem situações na creche em que eu lembro de ter visto nas teleaulas”, que nos faz refletir a necessidade de articular a formação inicial à formação em serviço, numa aprendizagem contínua, evidenciando assim a reflexão crítica sobre a prática (FREIRE P., 1996). Outro subtema que emergiu nas experiências vivenciadas pelos alunos com o AVA foi a **convergência** das temáticas dos módulos na realização dos projetos, de acordo com os fragmentos selecionados: “[...] os projetos são excelentes, claros, objetivos, com uma bagagem didática muito grande e rica de conhecimento [...]” (Participante 5 – Fórum experiência). Positivamente, a instituição pesquisada utiliza, como um dos instrumentos de avaliação, os projetos que permitem a reflexão crítica e a convergência dos conteúdos trabalhados pelos alunos, partindo do cotidiano do aluno e de sua realidade local. Ademais, entendemos que o processo de avaliação precisa estar “[...] o mais adequado aos objetivos da instituição e ao perfil do público-alvo, o processo avaliativo deve ser coerente com cada curso e cada objetivo” (CLEMENTINO, 2015, p. 188) e seguir as determinações oficiais propostas pelos órgãos do MEC.

MEDIAÇÃO

A MEDIAÇÃO entre **professor** e **aluno** é um tema que impera nas experiências e vivências dos alunos nesta instituição de ensino, conforme seguem na narrativa: “os professores estão sempre dispostos na teleaula, acho que o que mais é importante são as perguntas que podemos fazer ao vivo para tirar dúvidas” (Participante 4 – Fórum experiência). Retomamos agora o contexto da universidade investigada, onde detalhamos o momento síncrono, por meio do *chat*, durante a *teleaula* transmitida ao vivo, como sendo uma possibilidade de os **professores** comentarem mensagens dos **alunos** ou sanarem suas dúvidas, fato que consideramos ser um diferencial para os discentes. “Assim, o papel das TICs é contribuir para ‘diminuir’ essa ‘distância pedagógica’, assegurando forma de comunicação e interação entre os ‘atores’ envolvidos no processo de construção de conhecimento pela EAD” (BEHAR, 2009, p. 23).

Nessa comunicação, emergem os **saberes** do professor, suas **contribuições** referentes aos conteúdos e as **orientações** necessárias, como se pode constatar no excerto: “[...] percebo a disposição dos professores tanto para ministrar as aulas, quanto para esclarecer possíveis questionamentos, prezando sempre por manter a clareza” (piloto de apoio). Compreendemos que todos esses momentos se tornam significativos para a aprendizagem, pois os **alunos** percebem a presença do **professor**, mesmo sendo num curso de modalidade a distância. Essa presença se evidencia com o fato de que o professor ministra sua aula, orienta as atividades propostas, etc. Por outro lado, nas narrativas emergiram observações quanto à falta de *feedback* nos fóruns propostos pelos docentes na aula-atividade, o que causou insegurança nos discentes em relação a saber se os objetivos propostos no fórum foram alcançados com êxito, pois não houve uma discussão após sua postagem, nem com a intervenção do professor, nem dos colegas de turma. O que percebe-se na narrativa: “[...] muitas vezes nos fóruns não sabemos se o que fizemos está certo ou não, acaba sendo uma atividade vazia sem propósito final, por não termos uma devolutiva” (Participante 6 – Fórum apresentação).

Observamos que a organização do aprender e ensinar se faz por meio dos conteúdos, envolvendo também a relação professor-aluno nos fóruns de discussões, que, no caso da instituição pesquisada, trata-se de um momento síncrono de muito valor didático, pois se o fórum precede ou sucede uma teleaula e o docente tem um período disponível para acompanhar, entendemos que sua participação se torna fundamental. Concerne, ainda, assim considerar que o **professor** precisa articular ao seu discurso didático, seus saberes práticos e teóricos, de maneira clara, objetiva, compreensível e dialógica com vistas à mediação pedagógica (RICARDO, 2013), provocando no **aluno** o **comprometimento**, **superação**, **críticidade** e **aprendizado**, substantivos que

emergiram nos excertos dos participantes, ao relatarem suas experiências e vivências.

Para (não) concluir

A vivência do fenômeno pesquisado oportunizou para essas pesquisadoras a interpretação possível das narrativas dos alunos de um curso de Pedagogia EaD, que precisam ser consideradas no momento do planejamento, elaboração e organização dos conteúdos didáticos pelos professores que atuam na EaD, pois a subjetividade dos atores (docentes e discentes) envolvidos na EaD deve ser contemplada. Nesse sentido, é pertinente lembrar as considerações do Conselho Nacional de Educação ao estabelecer as Diretrizes e Normas Nacionais sobre a EaD, que em seu artigo 2º destaca, entre outros aspectos, a necessidade de articular “[...] a subjetividade e a participação democrática nos processos de ensino e aprendizagem em rede, envolvendo estudantes e profissionais da educação [...] que desenvolvem atividades educativas em lugares e/ou tempos diversos” (BRASIL, 2016, p. 1). Ademais, ao oportunizar que esses futuros professores narrassem suas vivências no AVA, compreendemos o sujeito no sentido e significado dado para as suas experiências, reconhecendo, por meio de suas narrativas, a essência da história vivida. Revelando, assim, uma interpretação possível para o fenômeno pesquisado, entendendo que outros pesquisadores e outras experiências vivenciadas podem propiciar novos olhares para a pesquisa.

Referências

AZEVEDO, Adriana Barroso de. *Projetos Pedagógicos na EAD: da concepção à prática diferenciada*. [2007]. Disponível em:

<

http://www.academia.edu/499009/Projetos_pedag%C3%B3gicos_na_EAD_Da_concep%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_pr%C3%A1tica_diferenciada>. Acesso em: 14 maio 2018.

BEHAR, Patricia Alejandra. Modelos Pedagógicos em educação a distância. In: BEHAR, Patricia Alejandra (Org.). *Modelos pedagógicos em Educação a Distância*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 15-32.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de março de 2016. Estabelece Diretrizes e Normas Nacionais para a Oferta de Programas e Cursos de Educação Superior na Modalidade a Distância. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 mar. 2016. Seção 1, p. 23-24. Disponível em: . Acesso em: 14 maio 2018.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução de Grupo de Pesquisa narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CLEMENTINO, Adriana. Planejamento pedagógico para cursos EAD. In: KENSKY, Vani Moreira. *Design instrucional para cursos on-line*. São Paulo: Senac São Paulo, 2015. p. 151-190.

DEMO, Pedro. *Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades*. São Paulo: Atlas, 2009.

FILATRO, Andrea; CAIRO, Sabrina. *Produção de Conteúdos Educacionais*. São Paulo: Saraiva, 2015.

FREIRE, Maximina Maria. Da aparência à essência: a abordagem Hermenêutico-fenomenológica como orientação qualitativa de pesquisa. In: MELLO, Lucrécia Stringhetta; ROJAS, Jucimara (Org.). *Educação, pesquisa e prática docente em diferentes contextos*. Campo Grande/MS: LIFE Editora, 2012. p. 181-199.

FREIRE, Maximina Maria. Uma abordagem metodológica e uma teoria do conhecimento: relato de um encontro e a emergência de uma tessitura. In: FREIRE, Maximina Maria; BRAUER, Karin Claudia Nin (Org.). *Vias para pesquisa: reflexões e mediações*. São Paulo: Grupo de Pesquisa sobre a abordagem hermenêutico-fenomenológica e complexidade (GPeAHFC/CNPq), 2015. E-book. p. 173-180.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Leitura).

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço: estratégias eficientes para a sala de aula online*. Tradução de Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-154, maio/ago. 2011.

RICARDO, Eleonora Jorge. *Educação a Distância: professores-autores em tempos de cibercultura*. São Paulo: Atlas, 2013.